

Cérebro a olho nu

PRÉMIO INTERNACIONAL DE JORNALISMO
REI DE ESPANHA

PRÉMIO ABEL SALAZAR

PRÉMIO DE REPORTAGEM "DIÁRIO DE NOTÍCIAS"

NOTA: ESTA REPORTAGEM INTEGRA UMA SÉRIE DE 18 PUBLICADAS NO "DIÁRIO DE NOTÍCIAS" EM 1993
SOB O TÍTULO GENÉRICO DE "DÉCADA DO CÉREBRO".

NEUROCIRURGIA ESTÁ A AVANÇAR EM PORTUGAL

Cérebro a olho nu



O DN assistiu ao vivo, pela primeira vez em Portugal, a uma operação ao cérebro. O inimigo era um tumor, removido pela equipa do professor Lobo Antunes. O primeiro de uma série de trabalhos sobre a Década do Cérebro

► OPERAÇÃO AO VIVO: nova vida para um paciente atingido por um tumor no cérebro

DN -Álvaro Tavares

PÁGINA 28

Nove da manhã. Manuel, de 60 anos, entrara no bloco operatório dos Serviços de Neurocirurgia do Hospital de Santa Maria, em Lisboa. Mais de cinco horas para fazer cair o «inimigo»: um tumor de cinco centímetros.

Vestem-se de verde as equipas médica (dirigida pelo Professor João Lobo Antunes), a de neuroanestesia e a de enfermagem. Roupas e máscaras esterilizadas, como tudo ali, onde o valor da vida se cumpre no respeito por todos os domínios do corpo e da mente.

Sou igualmente sujeita às normas da indumentária hospitalar em tais circunstâncias.

As minhas calças ficavam um tanto apertadas e curtas, mas não quis perder tempo a mudá-las.

O neurocirurgião Almeida Lima (sobrinho-neto de um dos maiores nomes da geração de pioneiros da neurologia portuguesa, Pedro Manuel de Almeida Lima) explica-nos «o caso» do doente. As imagens do cérebro de Manuel, obtidas a partir da tomografia axial computadorizada (vulgo TAC), denunciam, inequivocamente, um tumor na linha média do buraco occipital, comprimindo o bulbo e a medula. Por isso Manuel sentia as pernas a faltarem-lhe. E reformou-se da construção civil.

O desafio era um só: salvar Manuel, removendo o tumor (de cinco centímetros) sem lesar estruturas nobres do sistema nervoso central. Uma equipa em cena: neurocirurgião Almeida Lima, o interno Domingos Coiteiro e José Anacleto, ortopedista do Funchal a fazer o estágio da componente neurológica; Ana Maria Gomes Pedro (médica neuroanestesista) tem o apoio da enfermeira Palmira. E a enfermeira Elsa (instrumentista) prepara a mesa do material cirúrgico. Ninguém poderá tocar, de raspão sequer, naquela «redoma». Rita é a enfermeira circulante, solícita. Todos se movem em sincronia; com arte e perícia. Dedicção, também, por não haver rotina que faça ignorar ou minimizar a individualidade de cada pessoa.

Manuel, rosto cheio, lúcido, olhar ansioso, diz-me: «Tenho a boca seca. Tanta sede eu sinto!» Dirijo-lhe uma palavra de solidariedade. Manuel fala lentamente: «Não pode imaginar este momento!» Digo-lhe que o imagino, porque sei, porque

já estivera do seu lado... Manuel pergunta-me: «Que dia é hoje?» Um de Abril... Mas nada daquilo era mentira. E sorri-me — um sorriso pálido e breve, enquanto a testa se lhe franze para não chorar.

Respirar fundo

Inicia-se a fase da anestesia. Um passo meticuloso fundamental. Ajeita-se a nuca de Manuel sobre urna pequena almofada. «Não, é preferível um pequeno lençol dobrado», alguém sugere. Protegem-se-lhe os calcanhares com umas rodas acastanhadas, gelatinosas. «Vai adormecer», sussurra-lhe Ana Maria, enquanto lhe procura uma veia do pé e outra central. Manuel tem mãos *edemaciadas*, rústicas. Resiste, num lapso de segundos, ao «íman» anestésico. É o instante convulsivo em que a memória e o pensamento se apegam tenazmente ao mundo concreto, empurrando a sombra do enigma ou do fantasma. «Temos aqui um homem forte.» Ana Maria di-lo com ternura. «Respire fundo... Assim, respire fundo...» E Manuel adormece, ligado ao engenho do progresso.

Passavam 45 minutos das nove. É algaliado e entubado. Um adesivo ajuda a fixar-lhe as pálpebras. O soro, gota a gota, corre para ele. Tensão arterial, pulso, frequência respiratória sob controlo automático. «O doente vai ficar sentado», informa Almeida Lima. «É uma técnica que permite maior campo de manobra para tumores desta região.» São usados, então, os chamados apoios de Mayfield. O neurocirurgião Luís Távora — que, na sala ao lado, irá *fazer uma hipófise* (termo da gíria neurocirúrgica) —, vem auxiliar a equipa, para posicionar-se o doente com absoluto rigor. Interajudam-se. A cabeça tem de ficar bem fixa. O mínimo deslize poderia ser fatal. E o corpo anestesiado de Manuel deixa-se conduzir em todas as direções. Mas nem por um instante se desvia o sentido de que está a lidar-se com um ser humano. «Cuidado, ponham mais almofadas debaixo das pernas do doente.» E sob a perna direita fica igualmente um dispositivo antichoque, prevenindo o uso do canivete elétrico. O corpo de Manuel é vestido também de verde, cuidadosamente, restando descoberta a parte de trás da cabeça. As imagens da TAC ficam expostas e iluminadas. Olha-se o monitor à esquerda de Manuel. Tensão equilibrada: máxima 12, mínima 9, valor excelente para um hipertenso. Pulsação: 75.

Incisão certa

«Tudo pronto, dr. Almeida Lima», ouve-se a neuroanestesista. E Almeida Lima (que se levantara por volta das seis e meia, tomara um chá açucarado normalmente e comera três papossecos com manteiga) dá dois passos pela sala, recolhido em si, mãos sobrepostas em concha, como quem prende entre elas toda a energia e saber.

Almeida Lima — cuja "estreia" em neurocirurgia data de 1986, numa urgência — perfila-se junto à região posterior do encéfalo de Manuel, onde o cabelo foi rapado a preceito. Calça luvas e chinelas medicinais, brancas. Vão ser horas de labor, de ciência, de entrega. A seu lado, Domingos Coiteiro e a instrumentista Elsa. O material cirúrgico e microcirúrgico está alinhado como teclas de piano. O alvo operatório é desinfetado. As costas de Manuel são protegidas por um impermeável. Inclina-se os «pantofes» (espelhos de luz) para o ângulo fulcral. Relógio: 10 e 30. O bisturi vai para as mãos de Almeida Lima. Incisão certa, na linha média occipital.

Às «abas» do *couro cabeludo* agrafa-se mais um pano verde, demarcando a zona a escavar. Almeida Lima pede o canivete elétrico. Concentra-se. Um olhar inviolável. Procede à incisão mais profunda. Um êxito que apouca o nosso sufoco. Mais agrafes e compressas para debruar o músculo rasgado em duas partes. O campo operatório fica completamente definido. A partir daí, é uma arte única. Não é pedra nem barro que se manipula. É a vida de um homem. Uma vida que o cérebro comanda, na dor como na alegria.

Onze horas. Lobo Antunes aparece. Observa. Incentiva: «Ótimo!» Retira-se. E Almeida Lima leva por diante a prospeção do «terreno craniano», com o canivete elétrico. Domingos Coiteiro aciona o aspirador cirúrgico.

«Enfermeira, quero a luz frontal um pouco mais forte», pede Almeida Lima. E não tarda a avistar-se o osso occipital. Avança-se milimetricamente. De vez em quando, Almeida Lima revê as imagens da TAC que fornecem a localização exata do tumor. Aperta-se o cerco ao "inimigo". Às 11 e 15, as cervicais 1 e 2 ficam expostas. Sangra uma pequena veia, logo estancada. Mesmo assim, o aviso: «Anestesista, pequenina hemorragia. Como está o doente?» Ana Maria controla

a situação por meio do ecrã eletrónico. «O doente está bem.»

«Atenção, preparar material de osso.» Cruzam-se, entretanto, tesouras, fresas, bicos-de-pato. Depois, o trépano. Singular, diferenciado e espantoso trabalho de "carpintaria artística". Trepanação concluída. Uma roda dentada alarga um pouco a "janelinha" do casulo onde o "inimigo" se entrincheirou. Às 11 e 45 vê-se a dura-máter. Três minutos depois está de todo aberta a via que há de levar à "captura" do "rebelde". Ao meio-dia, mais uma pequena veia sangra; pinças de dentinhos-de-rato permitem aplicar a compressa de bloqueio. O aspirador suga os resíduos estripados.

«Por favor, podem chamar o Professor Lobo Antunes», pede Almeida Lima, erguendo-se do banco escuro, redondo, ao fim de mais de duas horas consecutivas de uma missão indizível. Descontra o pescoço, as costas, os braços.

Lobo Antunes veste um *fato cirúrgico* de algodão azul, muito leve. Por cima, a bata verde. Sereno, tira os óculos. Muda de banco. Aproxima o microscópio. Volta a pôr os óculos. Pede para que liguem o monitor televisivo. Com um estilete e pinça normal abre a dura-máter. Afasta-a com fios de seda. Ao microscópio, a cabeça de Manuel parece uma constelação, talvez Cassiopeia, ou uma central da NASA em miniatura. Pontos cintilantes, um rendilhado a lembrar o Mosteiro da Batalha em dia festivo ou a galáxia de Andrómeda. Tão fascinante quanto paradoxalmente sedutor era o perigoso "ganhão" de ar prateado, insinuante. Tudo indiciava tratar-se de um tumor epidermóide, pelo brilho de pérola... Há "inimigos" deste género. O epidermóide é um desses *oportunistas* de "restos" epiteliais mal absorvidos pela vida embrionária. Lobo Antunes conhece-lhe as manhas e monta-lhe a "armadilha". O silêncio na sala é expectante. Parecemos suspensos de uma onda magnética. Apenas se escuta a voz do Professor, assistido por Almeida Lima e a enfermeira Elsa. «Acendam as luzes de cima.» Com uma tesoura microcirúrgica ataca o "inimigo"; estuda o comportamento, mina-lhe o pedestal. Passam cinco minutos da uma da tarde. Entre o tumor e a região nobre medular, uma compressa levanta a muralha defensiva; pedaços de algodão protegem, ainda, planos delicados. O cerco fecha-se. O "inimigo" vacila. Lobo Antunes sacode-o. O "traidor" rende-se. Enche-se-nos o peito de qualquer coisa que não se explica. Sente-se.

Remoção total

Começa a remoção. Pinças de tumor, pinça bipolar. Aos poucos, o «parasita» abandona a casa nobre de um homem simples, a de Manuel. «Saca-se aos pedaços, para não ferir a medula.» Às 13 e 30 dá-se a queda do "monstro de pérola". Lobo Antunes deixa o bloco operatório, satisfeito, sem muitas palavras. Almeida Lima retoma o seu lugar e reconstrói tudo o que escavara. Um bordado a ponto de cruz, paciente, metuculoso. A enfermeira Eduarda (instrumentista) vem ajudá-lo no «fecho». A dra. Lucília Fernandes prepara a *saída* do doente da anestesia. Manuel, por volta das três da tarde, era um homem renascido.

Fui vê-lo na manhã do dia seguinte aos cuidados intensivos. Reconheceu-me de imediato. Perguntou-me pelo meu colega da máquina fotográfica. Transmito-lhe um abraço de Álvaro Tavares. Nenhuma dor pós-operatória lhe roubava a felicidade reconquistada. Manuel voltara a sorrir, um sorriso bonito. A irmã, com quem vive, em Montemor (Loures), já fora saber dele. «Sou solteiro», conta-me. Solteiro?!, espanto-me. Nunca se apaixonara? «Muitas vezes, se calhar até de mais, cabeça a minha sem juízo.» Mas, casar... «não calhou; tenho uma alma solitária». O futuro? «Estou esperançado. Os médicos disseram-me que a minha operação foi linda.» (E foi — asseguro-lhe.) «Agora, só quero apanhar-me daqui pra fora. Já pareço outro!»

Manuel parecia outro, de facto. Era um homem libertado das garras de um inimigo feroz e manhoso.